

Cidade pobre é referência em saúde

WALTER HUAMANY

BELO HORIZONTE — Com uma população de apenas 12 mil habitantes e arrecadação mensal de R\$ 120 mil, a cidade de Gouveia, no Alto Jequitinhonha — no Norte de Minas, uma das regiões mais pobres do Brasil — está se tornando referência nacional em saúde pública. Gouveia conta hoje com água potável até na zona rural, erradicou as doenças endêmicas e, o que é ainda raro, toda a população tem acesso aos serviços de saúde.

Batizado de Saúde Total, o programa da Prefeitura de Gou-

veia já provocou reações em Brasília. No início deste mês, o ministro da Previdência, Reinhold Stephanes, desembarcou na cidade para conhecer os projetos criados pela administração de Geraldo Bitencourt (PFL).

— Os grandes problemas precisam de soluções simples — disse Bitencourt, que já se elegeu três vezes prefeito de Gouveia.

Sem dinheiro para garantir o atendimento gratuito nos hospitais da região, e sem recursos nem mesmo para salvar da falência o maior hospital local, a Prefeitura resolveu lançar um programa inédito. Foi acertada

com a direção da instituição filantrópica da cidade uma espécie de convênio hospitalar privado. A população foi convencida a investir no programa com doações mensais entre R\$ 4 e R\$ 65.

Em troca, o conveniado passou a ter direito ao atendimento médico gratuito. Além de salvar o hospital filantrópico da falência, o sistema de previdência criado em Gouveia criou recursos para investimentos em outros segmentos do Saúde Total.

Foi criado um fundo de assistência, administrado por um conselho curador dos moradores da cidade. Hoje, segundo Biten-

court, a Prefeitura pode se dar ao luxo de oferecer tratamento especial aos pobres, embora a contribuição deles seja bem menor. Quem não tem recursos, é orientado para, pelo menos, contribuir com um valor simbólico, ganhando em contrapartida a assistência proporcional — médica, odontológica e psicológica.

Até 1979, 42% das casas de Gouveia tinham um problema em comum: estavam infestadas de barbeiro, o inseto transmissor da Doença de Chagas. Uma pesquisa da Prefeitura revelou também que 22% dos moradores estavam doentes. A falta de rede de esgoto, principalmente na zo-

na rural, tornava a região carente de qualquer estrutura de saneamento básico.

— Este ano não temos qualquer novo caso de Chagas. As casas têm água potável e a rede de esgoto deixou de ser geradora de doenças — disse Bitencourt.

Sem recursos do Governo estadual ou mesmo do Governo federal, a Prefeitura optou pela criatividade para resolver o problema: construiu uma fábrica de banheiros pré-fabricados. Por apenas R\$ 125, qualquer morador pode comprar um banheiro, composto de pia, vaso, tanque e caixa d'água. As paredes também são facilmente instaladas.

— A zona rural hoje tem seus banheiros. Eles são simples, mas afastam o perigo de doenças — comemora Bitencourt.

Com o aumento da arrecadação de contribuições de empresários e até da população mais pobre, a Prefeitura criou também um Centro de Aprendizagem e Produção. Os monitores trabalham com crianças e adolescentes de até 17 anos. São oferecidos cursos de artesanato, horta comunitária e também dança e expressão corporal.

— Estamos desenvolvendo programas com psicólogos para cuidar também da saúde mental das pessoas — disse o prefeito.